

Reflexões sobre Imagem e Cultura

2 6

OS SUPER-HERÓIS BRASILEIROS DO VHS **Um nicho ainda pouco analisado**

Gabriel Rocha

Depois do ápice de prosperidade experimentado pelas publicações do gênero dos super-heróis brasileiros do final da década de 1950 até o fim dos anos 1970, ocorreu um verdadeiro apagão que reduziu a presença desses personagens a pouquíssimas publicações do aguerrido Tony Fernandes. Fantasticman e Fantasma Negro experimentaram praticamente sozinhos a presença nas bancas de jornal, já totalmente tomadas por material estrangeiro.

Os autores brasileiros continuaram trabalhando, no entanto, os personagens próprios foram, em regra, substituídos pelos desenhos e tokusatus da TV. Ironicamente, no caminho oposto, os super-heróis brasileiros passaram a ganhar espaço na programação televisiva.

Diametralmente opostos aos super-heróis brasileiros que já possuíam espaço na TV – desde o sucesso absoluto vivenciado pelo Capitão 7 e, posteriormente, por Capitão Estrela, Capitão Aza, Falcão Negro, ou mesmo o Vigilante Rodoviário e os Águias de Fogo, que transmitiam valores positivos – a nova geração de personagens criados para o VHS é, em geral, depreciativa.



Após décadas de maliciosa manipulação acadêmica, em que expressões como “imperialismo”, “colonialismo”, “consumismo” estavam sempre associadas ao gênero dos super-heróis norte-americanos – personagens amplamente popularizados no Brasil pelo ucraniano Adolfo Aizen – o reflexo mais percebido foi o fortalecimento do já presente complexo de vira-lata.

O constrangimento construído pela engenharia social crítica, que àquela altura pretendia combater o ufanismo da propaganda estatal durante a ditadura militar, estabeleceu algum tipo de “teto psicológico” pautado pela depreciação crônica dos valores positivos da sociedade. Um imbróglio intelectual que começou a ser desatado somente após o período de estabilização monetária, em meados da década de 1990.

Capturado por humoristas da TV, o gênero dos super-heróis brasileiros foi massificado como representante da personificação daquilo que se considerava degenerativo por alguns. O super-herói brasileiro passou a representar tudo aquilo que antes se tentava reprimir.

O jocoso Capitão Gay, interpretado por Jô Soares e acompanhado de seu ajudante Carlos Suely, vivido por Eliezer Motta, “atendia aos fracos e oprimidos”. Criado em 1981, estereotipava a homossexualidade de uma forma que talvez não fosse bem aceita atualmente – vide o rebuliço causado pela ilustração de Rafael Grampá para The Gay Lexus. Segundo Rich Johnston, do site Bleeding Cool, o personagem encapsula certos estereótipos infelizes, ainda que apresentado de forma bastante positiva e comemorativa no programa **Fantástico**, da Rede Globo, mesma emissora do Capitão Gay.



Supersafo tem uma tiara dessas, mas menos cheguei.

Exibido por uma década na TV Excelsior e também pela Rede Globo, a partir de 1977, o sucesso de audiência de **Os Trapalhões** apresentava muitas paródias de super-heróis estrangeiros em seus programas mais antigos, depois maximizadas pela genialidade das publicações em quadrinhos do magnífico Ely Barbosa. A originalidade que transcende a paródia fica mais evidente nos tempos mais recentes, em programas da **Turma do Didi**.



Superjegue: o “J” já fugiu um pouco da paródia, mas sem driblar totalmente.



Nem sei o que é isso...

Não tenho paciência para descobrir quantos e quais personagens originais o CNPJ do Dr. Renato (Didi, não) produziu, mas é certo que há uma miríade de criações voltadas para o humor que vão além da paródia.



Supersuvaco (Renato Aragão) e Superbarraco (Pedro Cardoso).

A fórmula era sempre a mesma: o super-herói brasileiro era alguém abobalhado, muitas vezes estereotipado, que buscava sair dos problemas pela tangente, com malandragem, tentando se dar bem a qualquer custo. Esse padrão foi repetido à exaustão por décadas, sempre alimentando a fantasia da inversão de valores travestida de crítica social, que, de fato, era bastante rasa. Talvez fosse assim por não ser possível agir de outra forma – afinal, em boa parte da época, havia o pesado crivo da censura de um Estado regido pelo totalitarismo.

No entanto, a inércia manteve a fórmula televisiva depreciativa em vigor mesmo após a reabertura política. Novamente pela Rede Globo, o grupo Casseta & Planeta apresenta sua esdrachada Legião Brasileira de Super-Heróis, sob o bordão: “Todo dia, eles pegam cedo na luta do bem contra o mal. Mais rápidos do que a justiça, mais honestos do que a polícia, eles ganham pouco, eles moram longe, eles não têm ticket, nem carteira assinada, eles são a Legião dos Super-Heróis Brasileiros”.



Legião Brasileira de Super-Heróis

Lá estava a equipe composta por Ultra-Corno (Hubert), O Incrível Miserável (Reinaldo), A Mulher Siliconada (Maria Paula), Carnavalesco Man (Marcelo Madureira) e Atocha Humana (Hélio de La Peña). Praticamente uma reprise do que já havia sido apresentado anteriormente em outros programas humorísticos da Rede Globo.

Em 2003, o programa entrou no “Ranking da Baixaria na TV”, da campanha “Quem Financia a Baixaria é Contra a Cidadania”, realizada pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, em parceria com 60 organizações não governamentais.



O satírico grupo CPI, com aventuras que terminavam em pizza!



Super Liga da Dieta, com Abnominal Woman, Alface Atômico e Capitão Soja.

Segundo o Portal Imprensa, em 2008, a Comissão de Direitos Humanos e Assistência Judiciária da OAB-RJ, junto com o Grupo de Ação pela Cidadania de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais, emitiu queixas contra a Rede Globo ao Ministério Público Federal por discriminação a pessoas com deficiência.

Em resposta, a Central Globo de Comunicação afirmou: “Estranhamos que a OAB-RJ tenha tomado uma iniciativa contra a liberdade de criação e expressão artística, assim como contra o papel que o humor desempenha na sociedade. Neste caso, sugerimos, ainda, que as pessoas verdadeiramente interessadas se empenhem mais em mudar a realidade do que criticar a ficção”.

Casseta & Planeta também teve alguns super-heróis publicados em quadrinhos pela Editora Press. Não cheguei a adquirir o material.

Tivemos o humorista Marcelo Marrom, que interpretava o personagem Supertição no programa **Legendários**, da Record. Chegou a ser preso na Superintendência da Polícia Federal por ter invadido uma área reservada a autoridades durante uma recepção do Presidente Lula à seleção brasileira de futebol em 2010.



Cenário do quadro no programa **Legendários**.

Quem nunca se divertiu com o Supersafo? É impossível não apreciar a brilhante atuação do talentoso Diogo Vilela na **TV Pirata**, ainda em 1988! O único que, apesar de regido pelos estereótipos, apresentava uma dinâmica narrativa mais despojada. Depois dele, algo semelhante só seria visto com o Barata Flamejante, em 2011, no Multishow. Ian SBF também é o criador da Sociedade da Virtude, que repete o padrão estabelecido.



A mesma tiara do Capitão Gay?



Barata Flamejante.

O destaque vai para o grupo musical Os Novos Heróis, que precedeu a mania da Carreta Furacão. Cantores que realizavam apresentações na TV fantasiados de super-heróis.

Surgidos da inusitada revelação de que os direitos autorais existem e precisam ser respeitados. Quem poderia imaginar? Logo após a Marvel descobrir, em 1983, que havia um grupo de brasileiros realizando apresentações na Europa com cantores caracterizados como Thor e Homem-Aranha, a empresa entrou em contato. “Foi uma correspondência normal, sem nenhum trâmite legal” afirma Paulo Fedato, produtor da gravadora RCA na época.



A formação contava com a Princesa Solar (Sully), o Homem-Espacial (José Franco Bueno, o antigo Super-Homem), Silver Boy (Noel Carvalho, o ex-Robin), Super-Palhaço (Cláudio Rivera, o ex-Homem-Aranha) e Mulher-Cósmica (Vera Lúcia Egídio, a ex-Mulher-Maravilha).

Os Novos Heróis tinha uma proposta diferente; não depreciativa. No entanto, o segmento infantil na TV se diversificou demais, aumentando a concorrência. Com o desinteresse do SBT em levar adiante um programa com o grupo, suas exhibições acabaram restritas ao programa do Bozo. Mesmo assim, o grupo realizou apresentações em shows pelo Brasil até 1985.

Depois deles, surgiram muitos outros artistas e grupos voltados para o público infantil, como o Balão Mágico, Patotinha, Os Abelhudos, Trem da Alegria, e sua influência pode ser rastreada até o sucesso dos Mamonas Assassinas. Dessa forma, fica explícito o quanto é interessante trabalhar com ideias originais ou respeitar o licenciamento de marcas e buscar por resultados positivos que agreguem valor.

Ao longo da década de 1990, os super-heróis brasileiros foram retornando aos quadrinhos. Primeiro aos fanzines, depois para revistas que reprintavam nas bancas as criações do Tony Fernandes e/ou traziam novos personagens para recompor o imaginário criativo já muito surrado por um teto de permissão psicológico baixo.